



ASSIS



AILTON LIRA



RENATO

NOVA DÉCADA,

Tremei inimigos.
 Cuidado, clubes do Brasil e do mundo!
 O novo São Paulo está chegando com tudo.
 Armamos um supertime, vamos encher
 a bola dele e tocar fácil contra qualquer adversário.
 Não vai ficar pedra sobre pedra.
 É time prá ninguém botar defeito.
 Temos técnico novo também
 e é ele quem vai escalar a equipe — Carlos Alberto Silva.
 E não será difícil, com valores tais como
 Valdir Peres, Getúlio, Nei, Airton,
 Dario Pereira, Ailton Lira, Renato,
 Paulo César, Serginho, Zé Sergio, Assis.
 Um Assis, aliás que até pode ficar na regra 3,



CARLOS ALBERTO

NOVO SÃO PAULO

mas que é artilheiro e
 fez 17 gols no último
 campeonato paulista, pela Francana.

Quem vai resistir a esse time
 que custou em torno de 30 milhões
 aos nossos cofres?

E não fica só nisso:
 as recentes contratações são apenas
 o começo de uma renovação.

Leiam tudo sobre os reforços no editorial,
 página 2, e na reportagem das páginas 6 e 7.

Em tempo: as contratações de Nei e Paulo César aconteceram
 quando esta edição já estava pronta
 e por isso vamos falar deles só no próximo número.

E LEIA:

Conheça o bom ponta
 Zé Sergio pág. 12

Você viu o nosso
 restaurante? pág. 5

Rainho é o nosso diretor
 do ano pág. 9

No tênis vamos muito
 bem, obrigado pág. 8

A vida do homem do
 drible mágico pág. 11

Ele não disfarça, apesar
 da batina pág. 10

A PALAVRA DO PRESIDENTE



Quando tenho a felicidade de cumprimentá-los na passagem de mais um aniversário de nosso clube, ao início de um novo ano, indiretamente também me orgulho de ter sido um dos que têm administrado esta poderosa sociedade, com tão grandes e sólidos propósitos. E me acho no direito de dizer um grande muito obrigado, por todo o respeito e a confiança depositados em seu presidente.

Uma visão, mais realista e acurada possível de nossa gestão, é uma obrigação de nossa palavra, e é o resultado de uma busca contínua de realizações derivadas dos anseios e necessidades prioritárias de nosso clube.

Três áreas exigiram maior demanda e concentração no

desenrolar administrativo deste ano que terminou: Econômica, Social e Estrutural.

Iniciamos 1979 com dívidas que comiam a nossa economia, através de altas parcelas mensais de juros. Com grande esforço, baseado em rígido controle de despesas, e procurando sempre fontes novas de receitas, conseguimos encerrar o ano livre de empréstimos bancários e obtendo receitas financeiras. Esta posição alcançada já permitiu pequenas realizações e sobretudo determinou uma nova programação, que vem de encontro aos anseios dos nossos associados e dos são-paulinos de forma mais ampla. As metas administrativas e reformas estruturais em diversas atividades coroarão o êxito administrativo do ano que passou.

Relembrando nossas origens no futebol paulista, podemos comparar aquela vontade enorme de ser um clube num ideal — em uma idéia forte. Assim sendo, ao reeditarmos o nosso noticiário, evocando o valor de uma idéia e a necessidade de torná-la boa, nos reportávamos a essa força propulsora em que se transformou o esporte e cresceu como a grande família são-paulina. Criando e ativando, com sua lealdade, honestidade de propósitos, confiança no futuro. Devotando o passado e demonstrando profunda sabedoria ao olhar para o futuro. E sempre valorizando este ideal inicial — de ser uma grande expressão social, esportiva e sobretudo um grande time de futebol.

Antonio Leme Nunes Galvão

EXPEDIENTE

SÃO PAULO NOTÍCIAS

Diretor
Marcelo Martines

Diretor de redação
Hélio Conceição de Sá

Editores
Marcos Barrero
Walter Gonçalves Filho

Diagramação e arte
Alexandre P. Campos Filho

Colaboração
Joubert Fontão Varzim
Agnelo de Lorenzo

Redação
Estádio Cícero Pompeu de Toledo - Rua Giovanni Gronchi, Morumbi, S. Paulo
Tels.: 240-7022 e 240-2417

Composição e Impressão
Ficha Tríplice, rua Fradique Coutinho, 1.433,
Tels.: 210-6144 e 210-4784

São Paulo Notícias é o órgão oficial do São Paulo Futebol Clube, editado mensalmente. Distribuição gratuita aos associados.

Cartas e informações sobre atividades do clube podem ser enviadas para nossa redação.

EDITORIAL

A RENOVAÇÃO NECESSÁRIA

O São Paulo Futebol Clube ingressa na penúltima década deste século e fica mais perto do ano 2.000. Fica mais velho e melhor, cada vez maior. O nosso clube, hoje, é enorme e dispõe de um respeitável complexo recreativo para servir os seus associados. Pratica a maioria dos esportes existentes, participa das principais competições, oficiais ou não, e reúne um dos melhores elencos de futebol profissional do país — respeitado no mundo inteiro e frequentador habitual de competições internacionais, como a Taça "Libertadores da América".

Mas nem por isso estamos satisfeitos. A satisfação, em casos assim, morre após cada conquista e entra para a história. A história é estática e, todos sabem, no futebol o espetáculo é o movimento. É preciso inquietação para evitar o comodismo, a mesmice atrevida como erva daninha. Dessa forma, procuramos mudar sempre. E para melhor.

Exemplo disso é a renovação que estamos iniciando no futebol profissional. Em menos de um mês, investimos aproximadamente 30 milhões na compra de reforços para montar uma nova equipe. E, ao mesmo tempo, soubemos agra-

decer aqueles que serviram nosso time anos a fio, como Chicão, vendido ao Atlético Mineiro para prosseguir sua brilhante carreira e obter algum dinheiro na negociação. Aos 30 anos, nada mais merecido que boas luvas e bom contrato no novo clube a esse dedicado atleta, além dos 15 por cento sobre o preço do passe.

Nova década, novo São Paulo. Chicão saiu, mas chegaram Ailton Lira, Renato, Assis, Paulo César, Nei e o técnico campeão brasileiro Carlos Alberto Silva. Eles são apenas os primeiros reforços, o marco de início de uma grande renovação do elenco. Outros reforços, outras novidades virão mais cedo que se possa imaginar. Tudo feito com muita cautela e na esteira de uma tranquilidade financeira obtida durante 1979.

O futebol muda rápido, as suas táticas e seus atletas. E o São Paulo não deseja ser surpreendido, atropelado pelo obsoleto. E é por isso que estamos renovando. Preocupados com os são-paulinos, com o lugar que conquistamos no futebol brasileiro e que eleva nosso nome, pensando sempre no futuro. E, sobretudo, disposto a manter firme a tradição de nossa origem.



VIGORELLI
DO BRASIL S. A. COM. E IND.

PROLONGAMENTO DA RUA MANOEL PEREIRA DE ARRUDA, 35 - FONE 434-6744 - JUNDIAÍ - SP.

ATÉ ELE É TRICOLOR

QUEM DIRIA O PAPAÍ NOEL É NOSSO

MARCOS BARRERO

Escutem: não sou de confissões, vivo escondido no fundo da ilusão infantil (e adulta, por que não?) e apareço apenas a cada fim de ano. Todo mundo fala em mim. Menos eu. Não falo de ninguém — cumpro, enquanto a lenda não morrer, o meu papel. Trago presentes em trenós, cavalos e enormes sacos de lona. Conforme o país, conforme a região do mundo. Sou o Papai Noel e esse é o meu papel no universo, nada mais.

Acho inconveniente falar sobre mim. E, se falo agora, não sei explicar os motivos. Fico muito sensível quando é Natal. Negar qualquer coisa, nessa época, é impossível. Uma traição à minha própria existência. E os atrevidos seres comuns, sobreviventes de um mundo que observo cada vez com mais tristeza, aproveitaram-se disso. Como agora, esses adoráveis são-paulinos.

Não pedem muito. Nem título de campeão nem um novo craque. Querem coisa pouca, nada material. Não custa um dólar, digo, um cruzeiro — ufa!, ando apavorado com os preços e confundo as moedas. Desculpem. Eu dizia: pedem pouco. Pedem pouco, mas isso é duro prá mim. Eu tenho, renas me salvem, que fazer uma confissão pública!

Nunca fiz isso antes. Queriam uma entrevista, neguei; uma gravação, neguei; ouvir meus amigos íntimos, não os tenho — eles são as crianças do mundo inteiro, meu consolo, mas sabem apenas que sou um velhinho de barbas longas, roupas vermelhas, brancas e pretas, de capuz e muitos presentes. Evito intimidades com as crianças — é preciso manter a lenda. Preservar o que ainda resta de mágico neste mundo. Resistir é preciso. Que a lenda sobreviva!

Acabei, afinal, decidido a escrever. Senão como escapar desses são-paulinos? Viraram o Brasil pelo avesso, transformaram o Pelé em agente se-

creto nos Estados Unidos e deram uma maleta preta para o Minelli se afundar nos confins da Arábia Saudita — tudo para me localizar. Nada feito: eu soube disso e, depressa, estabeleci um contato com o clube. Bem melhor, que o intermediário transmitiu o recado e depois de muita discussão aqui estou, num canto do mundo, furando o papel a bico de pena. Aliás, preciso ser rápido: não existe por aqui aquela engrenagem chamada telex. E, como recebo milhões de cartas, também gosto de mandá-las. Tudo pelo correio. Vai ser assim que essas mal traçadas chegarão ao Morumbi, São Paulo, Brasil, com selo estampando meu rosto (não é cabotinismo, mas medida de economia, que esses selos estão aí há séculos) e carimbo de patas de rena. Tomara que cheguem a tempo.

Como eu disse, preciso ser rápido. Tudo, no fundo, se resumiria numa frase curta. Mas como é difícil! Julgo que pouca gente vai entender e devo lembrar algumas coisas antes.

A minha origem, por exemplo. Dizem que nasci São Nicolau e há muito tempo chego à Europa montado num cavalo branco, trazendo presentes e doces para as crianças, todo Natal. Viria do céu, segundo a tradição da lenda francesa, e no Polo Norte irromperia num trenó puxado por renas douradas e com a velocidade do pensamento. Eu, de fato, não estou preocupado com local, data e século do meu nascimento. O que importa, aqui e agora, é que cheguei ao Brasil na década de 20 deste século, atrasado como tudo que chega a esse país. Ah, antes passei pelos Estados Unidos. Quem quiser confirmar isso pode procurar na Delta Larousse, se não me falha a memória cansada.

Pois bem: quando eu cheguei ao Brasil, em 1920, existia um clube chamado Paulistano, que tinha as mesmas cores das minhas roupas — ver-



Ele não resistiu e fez uma confissão exclusiva.

melha, preta e branca. Fiquei, juro, apaixonado pelo clube. Mantinha um grande time de futebol e eu gostava dele. Ia, na surdina, assistir aos jogos, sempre que possível. Mais tarde, o Paulistano extinguiu o departamento de futebol e foi fundado o São Paulo da Floresta. Virei São Paulo da Floresta, as mesmas cores. E, quando o Tietê absorveu o São Paulo da Floresta, eu acompanhei disfarçadamente aqueles homens que se reuniram num porão da praça Carlos Gomes para fundar o São Paulo Futebol Clube, em 1935. Eu estava lá, sim senhores, embora ninguém tivesse percebido minha presença. E não iria fazer essa revelação não fosse a insistência de alguns são-paulinos desconfiados — não sei como eles descobriram minha predileção, não assinei ata nem nada.

— Eu sou são-paulino roxo! Roxo, não. Sou são-paulino e, indiferente aos modismos, nunca mudei minhas roupas — vermelha, branca e pre-

ta. Roxo por dentro; vermelho, branco e preto por fora!

E não pensem que ando afastado. Às vezes viajo milhares de quilômetros para assistir um jogo qualquer. Visto uma camisa e fico misturado com a torcida uniformizada, no meio do povo, que é o meu lugar. Bem disfarçado. Algumas ocasiões até na figura de uma criança. Claro, não apareço como sou. E é por isso que quando vocês observarem uma criança pulando de alegria ou um torcedor qualquer saltando no vazio e socando o ar na comemoração de um gol, vocês têm que prestar muita atenção porque eu posso estar ali. Ou lá, onde o São Paulo estiver.

O autor deste texto, **Marcos Barrero**, 26 anos, jura que apenas psicografou a crônica de Papai Noel. Diz que, de fato, baixou o santo nele. Quando não psicografa, Barrero é repórter da Jovem Pan, editor, do SPN e escreve para várias publicações. É jornalista há 10 anos.

AS MULHERES ESTÃO AÍ

É O NOSSO DEPARTAMENTO FEMININO EM AÇÃO

Com o objetivo de atingir as associadas do São Paulo foi criado, em abril deste ano, o Departamento Feminino, cuja coordenação está a cargo de Helena da Silva Prado.

Desde o seu funcionamento, o Departamento Feminino tem realizado várias promoções, sempre visando a mulher associada do Tricolor. Chás, desfiles de moda, palestras, além de cursos especializados são algumas das realizações desse departamento, que além da coordenadora Helena da Silva Prado, conta também com a colaboração de mais oito senhoras, todas associadas do São Paulo.

Segundo Helena Prado, o seu departamento organizou as festas dos dias das Mães e dos Pais, a quermesse junina e a Semana da Criança. Outra iniciativa de responsabilidade do Departamento Fe-

minino do São Paulo foi a instalação, por toda a sede Social do Clube, de várias caixas para sugestões e reclamações dos associados.

E não fica só nisso: desde que instalou o curso de pintura em tecido em abril, o Departamento Feminino não vem receber inscrições de associadas interessadas em participar do curso. Por enquanto, ele está sendo ministrado somente aos sábados, das 14 às 17 horas, na sala 8, ao lado da sauna, para duas turmas de 25 alunos cada.

Entretanto, a partir do próximo ano, além de sábado, o curso será também ministrado em outros dias da semana. Conforme informou a coordenadora Helena Prado, as inscrições para essa nova fase do curso de pintura começam a partir de 15 de janeiro na Gerência Social.

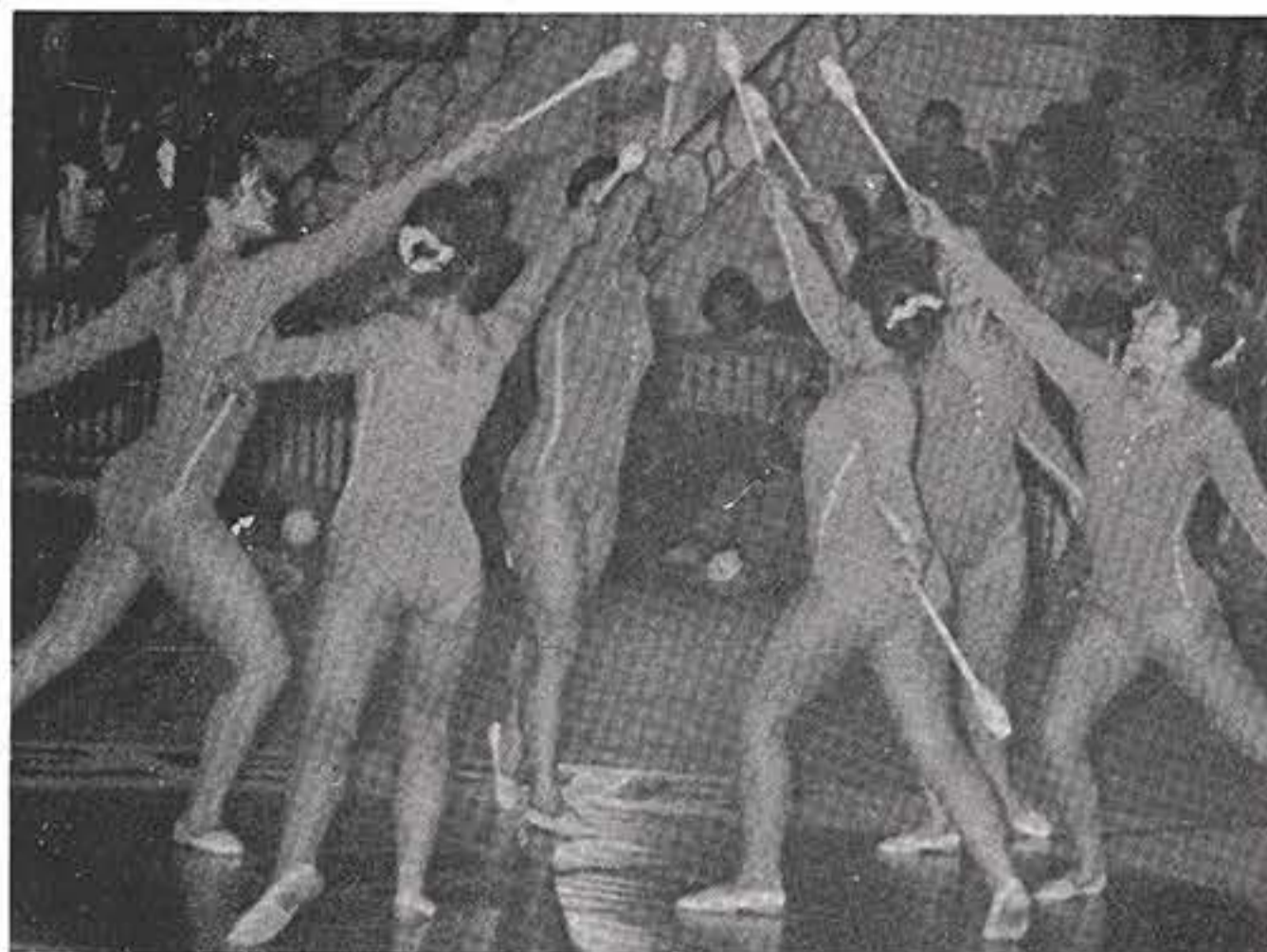
O BOM BALÉ

O início de dezembro na sede Social do São Paulo foi movimentado em termos culturais. Já no dia primeiro, no ginásio de esportes, houve uma noite de balé, com a participação de bailarinas associadas, do São Paulo, que agradou muito.

Uma semana depois, no dia 7, outra atração artística foi promovida no nosso ginásio de esportes e tendo como protagonistas novamente a "prata da casa". Um grupo de jovens associadas do São Paulo realizou demonstrações de ginástica rítmica e jazz.

Segundo associados que compareceram a essa demonstração, a apresentação das garotas foi impecável. Ao mesmo tempo em que elogiaram os organizadores por valorizarem "os nossos próprios artistas".

Helena da Silva Prado, graças a esses êxitos, promete



GINÁSTICA PARA TODO MUNDO

Com a participação de 50 ginastas, encerrou-se no dia 14 de dezembro a temporada de ginástica masculina de 79 do São Paulo, iniciada em janeiro. A temporada, cuja orientação é do professor Paca, vem sendo realizada há três anos, com a participação de associados do clube com idade entre 30 e 55 anos.

Segundo o orientador, as temporadas de ginástica não têm finalidade competitiva e sim a de manter a forma físi-

ca. Os exercícios são desenvolvidos nas pistas de atletismo do "Cícero Pompeu de Toledo", todas as terças e quintas-feiras, no horário das 20:30 às 21:30 horas.

Para aqueles que ainda não participaram das temporadas de ginástica do São Paulo e querem dar uma desenferujada, a temporada de 1980 começa agora em janeiro. É só dar um pulo no Departamento de Ginástica e efetuar a sua inscrição com o Roberto de Mello.

para o futuro outras iguais a essa, quando outros associados do São Paulo poderão demonstrar seus dotes artísticos.

Pois é: santo de casa, no São Paulo, faz milagre.

OLHA A SAUNA

A sauna do São Paulo já está pronta. O pessoal responsável pela sua administração está dando os últimos retoques para a inauguração. Sem dúvida será a grande atração do nosso clube, neste início de década.

A sauna do São Paulo possui as mais modernas instalações, além de contar com um equipamento de primeira, todo inoxidável.

REVEILLON


O primeiro reveillon da vida social do São Paulo mereceu

elogios de todos os associados que dele participaram. Principalmente porque tudo aquilo que os organizadores pretendiam foi realizado.

Em primeiro lugar, o nosso baile teve características estritamente familiares, em que todos passaram momentos de autêntica confraternização. Como já previam os diretores do Tricolor.

Em segundo lugar, a descontração a noite inteira, com os associados vestindo traje esportivo, livres daquele formalismo tradicional dos "reveillons". Sem contar, depois, com frenético carnaval animado pelo conjunto musical "Eles e Elas".

Mas, a maior surpresa veio no final do baile. Logo de manhã. É que para completar a despedida de ano e começar a nova década com o pé direito, foi servido o "café da manhã", com bolachas, geléias, café e tudo mais. Coisa fina.



**FICHA
TRÍPLICE**

GRÁFICA

PAPELARIA

R Fradique Coutinho, 1433
Largo São Francisco, 12
Tels.: 210-6144
210-4784
36-7276
34-4099

RESTAURANTE

AQUI NINGUÉM PASSA FOME É PRATO CHEIO PARA OS COMILÕES

O restaurante do São Paulo, comandado pelos irmãos Jamilson e Jaílson, possui hoje a melhor mesa de pratos frios de São Paulo. Sim senhor, a melhor. Por isso, eles estão convidando os associados para aparecerem por lá e verificar isso de perto.

Os mais variados pratos frios estão a sua disposição. É uma loucura de dar água na boca. Mas, além disso, eles servem também pratos quentes e sobremesa à vontade. Lógico, no final vem sempre um cafezinho coado na hora.

Entretanto, o melhor de tudo vem depois — a conta. Não, não é salgada. É aí que está o segredo do nosso restaurante. Por um preço fixo, porém bem acessível, você desfruta de todas essas guloseimas, comendo de tudo e à vontade.

Chegou dezembro e os irmãos Jamilson e Jaílson ofereceram um presente a todos os nossos associados: desde o dia 1.º, eles servem jantar, coisa que o restaurante não vinha fazendo até então.

TUDO ACONTECE LÁ

Para quem ainda não sabe, o São Paulo já possui a sua Tribuna Livre. Um local onde associados, diretores e conselheiros podem bater papo descontraído, fazer críticas, sugestões e até fofocas. E, é claro, tomar um drinque.

Esse já denominado "Senadinho Tricolor" é o Bar Executivo, anexo à Boite do clube. O seu funcionamento se dá de terça à sexta-feira, no horário das 17 às 22 horas.

Sem dúvida, é uma boa opção para aqueles que depois da rotina de um dia de trabalho, podem contar com um local aconchegante como esse, onde podem conversar e beber alguma coisa, antes de voltar para casa.

Para isso, o concessionário do Bar Executivo, Jamilson



O nosso restaurante: agradável, bom e discreto.

Chagas, conta com excelente estoque de bebidas nacionais e estrangeiras, além do famoso tira-gosto.

Um dos assíduos frequentadores do nosso "Senadinho" é o presidente Nunes Galvão, que volta e meia aparece lá para saber das "últimas"... Você que ainda não frequentou o Bar Executivo do São Paulo, deve começar a pintar no pedaço, pois senão ficará desinformado sobre tudo o que acontece nos bastidores do nosso clube.

NATAL DOS FUNCIONÁRIOS

Encabeçada por dona Isabel Nunes Galvão, esposa do presidente Antonio Nunes Leme Galvão e com a colaboração das esposas dos diretores do São Paulo, foi realizada dia 17/12, às 10 horas, na sede Social, o "Natal dos Funcionários" do clube.

A esta festa de confraternização, compareceram todos os funcionários do nosso clube, acompanhados de suas esposas e filhos. Na oportunidade, foram entregues presentes a todos, além de receberem uma saudação de dona Isabel, que naquele instante representava o nosso presidente.

Celmar

O MAIOR NOME EM ARMÁRIOS EMBUTIDOS

AV. HEITOR PENTEADO, 2046
FONE: 263-8294

AV. IBIRAPUERA, 3303/11
FONES: 61-3660 - 241-7639 - 241-7667

EM CARTONAGEM

Flôr de Maio
S.A.

UMA EMBALAGEM EXATA PARA CADA PRODUTO

Rua Protocolo, 456 - Fone 274-6044 PBX
São João Climaco - CEP. 04254 - C.P. 42.636
End. Telefônico "Flormaio" - S. Paulo

É ASSIM MESMO: 8 OU 80 VAMOS

Nem todos os clubes podem ter um time assim para começar a década de 80: no meio campo, Dario Pereira, Ailton Lira e Renato; no ataque, Paulo César, Serginho e Zé Sérgio — e, de quebra, Assis na reserva; na defesa, Valdir Peres, Getúlio, Nei, Airton e mais dois prováveis reforços. Mas o São Paulo pode. Aliás, pode e não pára aí: como bom time sem bom técnico não vale nada, o campeão brasileiro de 78, Carlos Alberto Silva, vai começar a década no Morumbi comandando todos esses reforços, comprados durante o mês de dezembro e que exigiram um investimento de mais de 25 milhões de cruzeiros.

Nenhum clube investiu tanto no futebol nos últimos anos. É uma grande mudança promovida pelo presidente Antonio Leme Nunes Galvão e o diretor de futebol, José Douglas Dallora. “Esperamos a hora certa. Liquidamos nossas dívidas, pesados empréstimos bancários, e agora estamos começando a investir na renovação do elenco. Queremos um time forte” — afirma o presidente.

Os primeiros sinais da mudança já estão surgindo mesmo durante o período de férias dos jogadores. A imprensa, por exemplo, está dedicando grande espaço às contratações do clube. Jornais, revistas, rádio e televisão têm falado muito nisso. A revista *Placar*, de 11 de janeiro, apresenta as contratações do São Paulo como assunto principal e manchete de capa, que traz Renato com a camisa tricolor e o título “O São Paulo arma um supertime”. De fato, foi comum observar o destaque conseguido desde a chegada de Ailton Lira ao Morumbi, na tarde do dia 12 de dezembro, quando assinou contrato e vestiu a camisa do clube para ser fotografado. Mas a torcida também está vibrando: em São Paulo, os grupos organizados de torcedores estão se reunindo e discutindo formas de levar cada vez mais são-paulinos aos estádios, enquanto em Morungaba, cidade do interior do Estado em que nasceu Renato, quase toda a pequena população esqueceu o Palmeiras e agora torce pelo São Paulo.

Tudo começou dentro dos tradicionais modelos de conduta do clube: na surdina. Por isso mesmo, os jornalistas, que estavam no Morumbi na tarde em que Ailton Lira apareceu para assinar contrato, foram surpreendidos. Teve mesmo um repórter de uma rádio de grande audiência que foi embora antes, julgando que nada mais aconteceria, e ficou estupefato no dia seguinte.

Depois de três anos no Santos, Lira ingressa no São Paulo com otimismo. Ele fez questão de abraçar Serginho, logo no primeiro dia, e posar para os fotógrafos. “É o atacante com o qual sempre desejei jogar” — confessou. Elogiou a velocidade e o chute de Serginho e disse que com essas características poderá aproveitar os seus lançamentos longos.

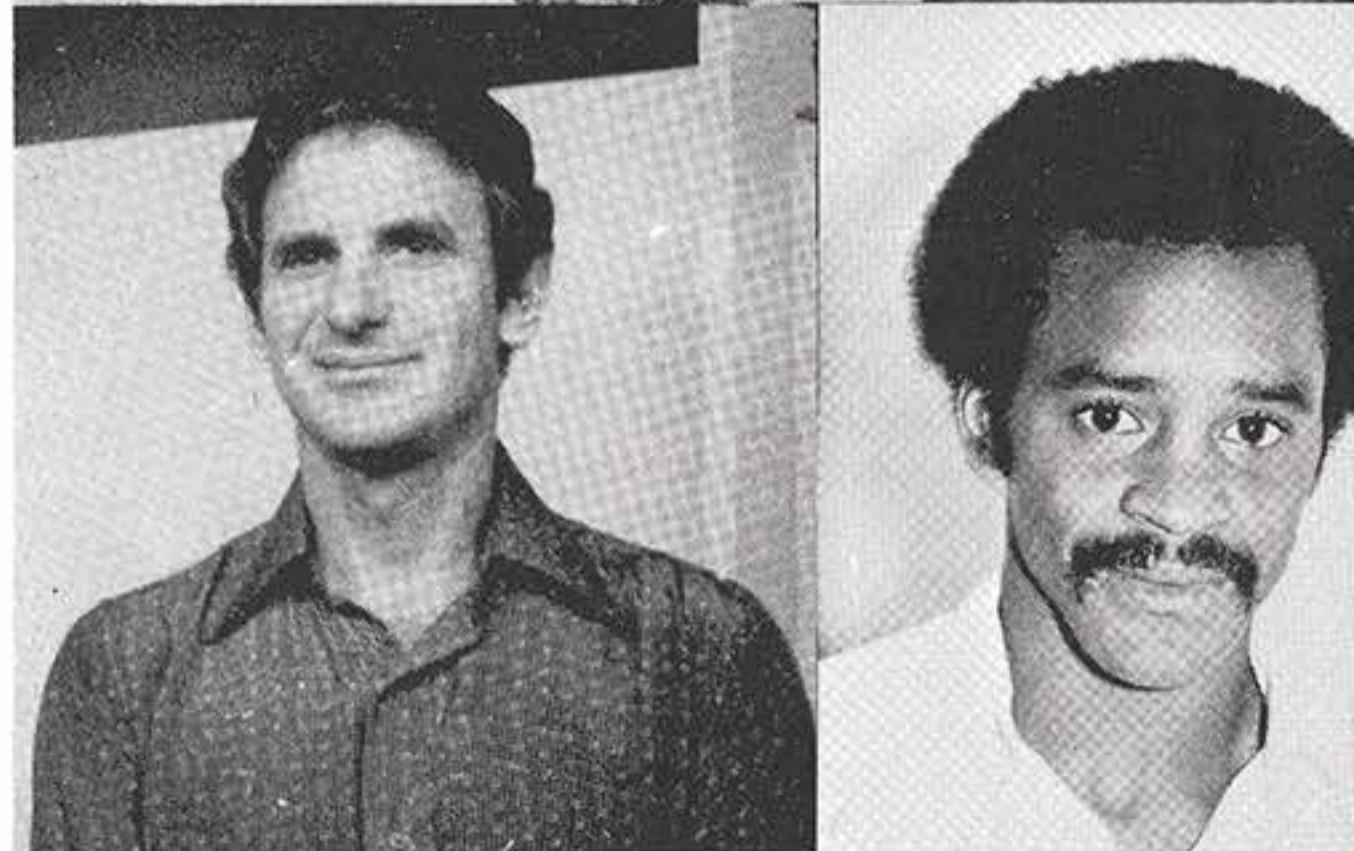
— Meu pressentimento é de que vou fazer sucesso no São Paulo. Jogar junto com Serginho, um atacante que vai buscar a bola no meio do campo, é muito bom. Minha função, no Santos, era lançar Juari. Então, só podia marcar gols de falta ou em jogada isolada. Agora, não. Com Serginho, tudo fica mais fácil. Há mais movimento, mobilidade.

Ailton Lira já foi comparado com outro grande ex-jogador do São Paulo — Gerson, o canhotinha de ouro —, várias vezes. Mas há também quem identifique semelhanças de estilo entre ele e Jair da Rosa Pinto. Lira, tímido, humilde e frio, não diz nada sobre essas observações, mas o próprio Gerson não fica calado. O seu entusiasmo com o jogador vem desde um fatídico jogo: 28 de janeiro de 1979, Morumbi — Santos, 4, São Paulo, 1 — dois gols de Lira, de pênalti. Gerson explodiu agitando os microfones da emissora de rádio de que era comentarista.

— Dois passos e um toque na bola com um efeito incrível num dos cantos do gol, coisa que eu nunca consegui fazer em toda a minha carreira de jogador.

Lira — ou *Jacaré*, como é conhecido pelos companheiros — tem 28 anos, 71 quilos e 1,78 m de altura. E a sua única

OLHA AÍ O NOVO SÃO PAULO DE AILTON LIRA, RENATO



Os nossos reforços: Renato, acima com o presidente

pretensão é aprimorar ainda mais o seu estilo e ter êxito no novo clube. Afinal, confessa, os dois jogadores de que sofreu mesmo alguma influência foram Dicá e Roberto Pinto, sobrinho de Jair, na Ponte Preta.

Foi na Ponte, por sinal, que Lira começou sua carreira. Pertenceu aos juvenis até 72, orientado por Zé Duarte. Em seguida, sem chances de ser aproveitado no clube, transferiu-se para a Caldense, de Poços de Caldas, onde jogou até 76. E lá o Santos foi buscá-lo, a pedido de seu descobridor, Zé Duarte.

— Foi um bom período da minha carreira. Pena que não fui visto pelo grande público e pela imprensa. Acho que, nesse aspecto, acabei prejudicado. Jogava apenas uma vez por ano em Belo Horizonte, recebia elogios, voltava para o interior e nada acontecia. Só fui aparecer no Santos, a partir dos 24 anos de idade.

Ele tem um estilo clássico, elegante e é considerado um jogador romântico — espécie em extinção. Chegaram até a falar que seu futebol está ultrapassado para os tempos atuais. Mas o jogador não se preocupa. Sempre tranquilo, frio.

— Eu tenho um futebol bonito. Gosto de jogar bonito. E a minha habilidade serve para qualquer época. É sempre importante.

A habilidade de Lira vai ser fundamental para outra nova contratação do São Paulo, Renato, que pertencia ao Guarani. É que Renato tinha uma jogada de insuspeitado efeito em seu antigo clube: Zenon fazia longo lançamento pela esquerda, para aproveitar a velocidade do jogador no

COMEÇAR A DÉCADA COM TUDO

TO, CARLOS, ALBERTO, ASSIS, PAULO CESAR, NEI...



Galvão, Assis, o técnico Carlos Alberto e Lira.

espaço vazio. Isso deu certo quase sempre e agora Renato vai encontrar um companheiro que lança até mesmo melhor que Zenon.

E, como se não bastasse, o técnico será o mesmo que dirigiu Renato e Zenon no Guarani — Carlos Alberto Silva, que conduziu o time a maior glória de sua história, o título brasileiro de 78. Ele também foi contratado pelo São Paulo, assim, tudo fica mais fácil no ataque, que ainda terá Berginho e Zé Sérgio, dois atacantes que devem se entrosar logo com os reforços. Renato termina as férias em Morungaba, cidadezinha de 9 mil habitantes perto de Campinas, e está muito satisfeito.

— Agora, sim, estou num time maior que o Guarani. Todos vão observar mais o meu futebol e dessa forma poderei chegar mais rápido a seleção outra vez. Não prometo título ao São Paulo. Não sou gênio, craque perfeito. Vou jogar tudo que sei e suar a camisa até o fim. Mas sem milagres.

No entanto, se forem necessários milagres — pelo menos mágicos — certamente Renato não será convocado a fazê-los. Para isso, o clube possui agora alguém ideal. Que Carlos Renato Frederico, 23 anos, 1,80 m e 74 quilos, fique sossegado. O mineiro Carlos Alberto Silva, 40 anos, que não perde uma missa dominical, está disposto a fazer até o impossível.

Técnico que deu o título de campeão brasileiro de 78 ao Guarani, Carlos Alberto foi contratado pelo São Paulo e seu primeiro encontro com a diretoria do clube durou quase 2 horas: começou às 9 da manhã e só terminou à noite.

Ele vai trabalhar com o preparador físico Pedro Pires de Toledo e o médico José Carlos Ricci. Os departamentos do setor de futebol terão autonomia para decisões e o aparelho gladiador não será mais a base do treinamento físico. E só exige uma coisa: esforço de todos, todo mundo correndo em campo.

— O futebol é simples, por mais que tentem complicá-lo. Falavam, por exemplo, que o Bozó era medíocre. Mas ele mostrou fibra e raça, ganhou a posição no Guarani. Gosto de jogadores assim.

Casado com dona Helga e com duas filhas, Ana Paula, de 5 e Ana Cristina, de 9 anos —, o treinador já está no futebol há 15 anos e dirigiu dezenas de times pelo interior de vários Estados.

— Sofri demais por aí, nesses meus 15 anos no futebol. Andei por muitos clubes e cidades até chegar a Campinas e obter algum êxito, conseguir me projetar.

A experiência de Carlos Alberto começou no extinto Renascença, de Belo Horizonte, em 1962. Depois, trabalhou com os infantis e juvenis do Atlético Mineiro, de onde saiu por incompatibilidade com o técnico Barbatana. Aceitou, em seguida, o convite para dirigir uma equipe do interior de Minas, o Formiga. O time fez excelentes campanhas no campeonato mineiro e só perdia mesmo para o Cruzeiro, que na época era um supertime com Tostão, Natal, Dirceu Lopes e Piazza. E, antes de chegar até o Guarani, dirigiu ainda a Caldense, Vila Nova, Flamengo de Varginha, Atlético de Três Corações, Esab, Catanduvense, Ferroviária, América Mineiro, Nacional do Carmo, Uberaba e Rio Preto.

Parece mesmo que Carlos Alberto Silva, habituado a trabalhar em times pequenos do interior e lançar jogadores, foi um reforço providencial. É que o ponta-direita Fumê e o meio campo Zizinho, ambos de 17 anos, vão começar o ano sentados no banco, ao lado dele, promovidos dos juvenis. E precisam de muita orientação, assim como o goleador Assis, de 26 anos, excelente cabeceador de 1,85 m que fez 17 gols no último campeonato paulista, comprado junto a Franca e pela primeira vez num grande time.

De qualquer forma, Fumê e Zizinho merecem cuidados especiais. Fumê é hábil, veloz e chega fácil a linha de fundo para o cruzamento, enquanto Zizinho é mais clássico, possui um toque perfeito, cai bem pelos flancos e se infiltra na área com facilidade. Fumê começou no dente-de-leite do clube, em 75, e no ano seguinte passou a categoria juvenil. Já participou de uma excursão pela Europa com a seleção brasileira de Amadores. Zizinho já veio da equipe de futebol de salão do Banespa e acabou juvenil também em 76.

Na verdade, a *escolinha* do São Paulo sempre tem jogadores para servir o time principal ou mesmo para vender e emprestar para outros clubes, como são os casos de Buka, meia-direita que fará um estágio de seis meses no Hamburgo, campeão alemão ocidental, Gonçalo, que ficará dois anos jogando no Honda Football Team, do Japão, e Salomão, emprestado ao Noroeste.

Durante 79, a equipe principal utilizou jogadores como Airtton, Jaiminho e Luiz Muller — todos da escolinha. Aliás, houve até um caso curioso e precoce: Paraná, meia-direita de 15 anos e do juvenil C, fez um jogo pelo time titular numa emergência. “Mas isso é perigoso, pode queimar o jogador. Geralmente, nós esperamos mais amadurecimento para lançar” — explica o técnico provisório das equipes inferiores, Júlio César Izar.

O São Paulo, mesmo com os elencos incompletos por ter jogadores na equipe principal, conquistou o título de campeão paulista, categoria juvenil B. Na C, ficou em segundo lugar, e na A, terminou em terceiro. E todos os times têm jogadores prontinhos para entrar e jogar ao lado de Lira, Renato e outros. É mesmo uma nova década, um novo São Paulo.

NOSSO TÊNIS NUMA BOA

EM 79, DISPUTOU 46 PARTIDAS E VENCEU 31

O tênis do São Paulo está mesmo numa boa. No mês passado, jogando pelo Campeonato Estadual de Duplas, na categoria de principiantes, as tenistas Amélia Noronha e Edir Tavares, sacaram o vice-campeonato na categoria feminina.

No próximo número deste jornal, iremos trazer um bate-papo com as duas cobras do tênis tricolor.

O ano de 79 foi muito bom mesmo para o tênis do São Paulo. Em 46 jogos por equipes, o nosso clube venceu 31 e perdeu 15, tendo disputados equipes da 3.^a, 4.^a e 5.^a categorias masculina, e 2.^a, 3.^a e

4.^a categorias feminina. Portanto, um saldo bastante positivo a nosso favor.

Ainda durante esse ano, o São Paulo venceu o Campeonato Noturno de Tênis do Tietê, com o tenista Hubert Bierastt, na categoria de principiantes, enquanto Vera Alves da Costa conseguiu o vice-campeonato no torneio Hobby Internacional.

TAÇA AMIZADE

"Taça Amizade de Tênis". Há seis anos que o São Paulo e a Associação A Hebraica disputam esse torneio, tendo o nosso clube já conquistado 4

vitórias contra 2 da A Hebraica. Essa taça é disputada todos os anos, por ocasião do aniversário dos dois clubes — em novembro na A Hebraica; em janeiro, no São Paulo.

Na última disputa, a sexta, na sede da A Hebraica, encerrada dia 2 de dezembro as equipes da casa saíram vencedoras. Porém, estão longe ainda de nos alcançar.

A próxima disputa da "Taça Amizade de Tênis" será em nossa sede, a partir do dia 26 de fevereiro. Acontece que pela tradição, essa sétima etapa deveria ser disputada no mês de janeiro, que é quando o São Paulo aniversaria.

Entretanto, os organizadores desse torneio tiveram que adiá-la para fevereiro, pois durante todo o mês de janeiro, serão disputadas as Olimpíadas Esportivas do São Paulo.

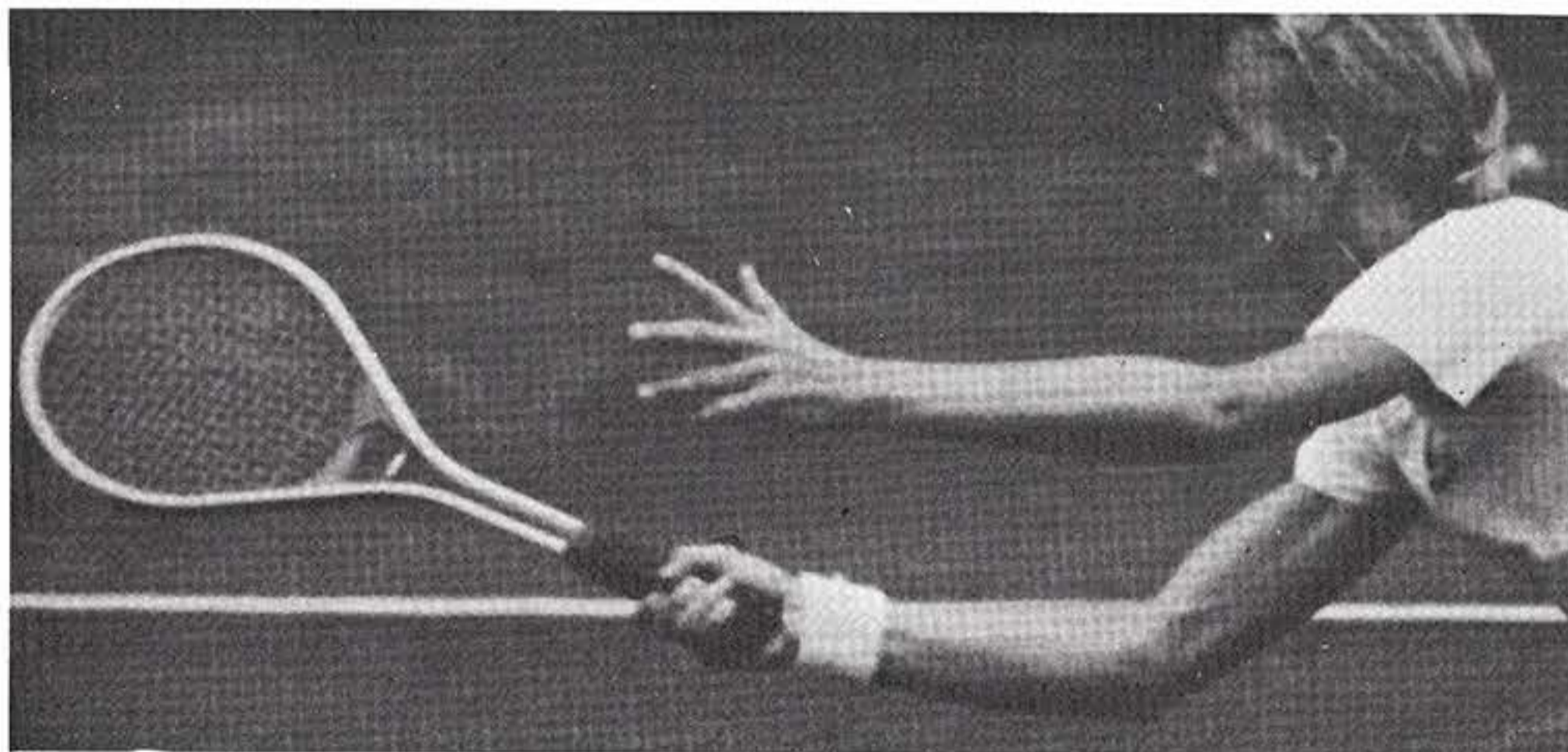
Participam da "Taça Amizade de Tênis", equipes da 3.^a, 4.^a e 5.^a categorias, além das de principiantes.

OLIMPIADAS

Vai ter 11 modalidades esportivas para escolher: atletismo, basquete, natação, bocha, futebol de salão e de campo, judô, hóquei, tênis, patinação e vôlei, em várias categorias. É a I Olimpíada do São Paulo, que será realizada entre 19 e 27 de janeiro, com a participação de 8 clubes convidados: Palmeiras, Tietê, Espéria, Corinthians, Sírio, Indiano, AABB e Acre Clube.

BASQUETE MIRIM

As equipes Pré-Mini e Mirim de basquete masculino do São Paulo conquistaram o 3.^o lugar em suas respectivas categorias, no torneio consolação, denominado Carlos Domingos Massone — "Mosquito". Esse torneio, que foi realizado em novembro passado, fez parte do Campeonato Paulista de Basquete.



Nosso tênis: cada vez melhor e revelando craques.

SAIU NOSSA PRÉ-ESCOLA

Afinal, estamos realizando um velho sonho: a pré-escola do Morumbi. É isso mesmo. A nossa escola maternal vai começar a funcionar para crianças entre 2 a 6 anos. E já a partir de março.

Vale para todos os associados que tenham filhos nessa faixa de idade. É muito fácil ingressar na nossa pré-escola. Basta preencher e recortar a ficha abaixo. E colocá-la na urna localizada junto à borboleta de entrada, na portaria. Depois é só aguardar o nosso contato, para maiores detalhes. A pré-escola é de todos os são-paulinos. Toma a caneta:

.....
nome do responsável

.....
n.º do título

.....
nome do filho(a)

.....
idade

.....
nome do filho(a)

.....
idade

.....
nome do filho(a)

.....
idade

.....
período de preferência

.....
manhã

.....
tarde

ESTE É O DIRETOR DO ANO

DOIS PREMIOS PARA RAINHO, DO FUTEBOL DE SALÃO

“Comecei no São Paulo como todo são-paulino deveria começar: carregando a bandeira do clube. Fiz parte da Torcida Uniformizada do São Paulo, ao lado de Hélio Silva e de meu irmão, Paulo Rainho, junto com os quais em 1976, oficializamos os estatutos da atual TUSP”.

A afirmação é de Pêrsio Rainho, diretor do Departamento de Futebol de Salão do São Paulo, eleito este ano pela imprensa especializada e pela Federação Paulista de Futebol de Salão, o “Diretor do Ano”.

Os títulos foram entregues nos dias 24 de novembro, pela imprensa, e no dia 15 de dezembro, pela Federação, que lhe ofertou o troféu “Futsal”, em solenidade realizada no Centro Campestre do SESC.

O motivo desses prêmios foi o reconhecimento ao trabalho de quem, com apenas 16 meses de gestão, conseguiu colocar o nosso salonismo entre os melhores do Estado. Durante este ano, o futebol de salão do São Paulo sagrou-se campeão Metropolitano e Estadual da categoria Pré-mirim, além do Torneio Início.

Numa campanha de 42 partidas, as equipes tricolores venceram 37, empataram 3 e tiveram apenas 1 derrota. Além disso, as demais categorias, em número de nove, sendo que oito são oficiais e apenas uma é extra-oficial (formando somente por associados), disputaram os cam-

peonatos Paulista e Estadual deste ano, saindo-se bem quase todas elas. Caso da equipe do Fraldinhas, que sagrou-se vice-campeã do Torneio Início e do Torneio Marcelo Biondo Gronal.

Há dezesseis meses, quando tomou posse do Departamento de Futebol de Salão do São Paulo, Pêrsio Rainho o encontrou funcionando com apenas quatro categorias oficiais. Sendo assim, a sua principal preocupação foi a de aumentar esse número para oito equipes que agora compõem o futebol de salão. Ou seja, desde a categoria dos fraldinhas até a principal. Além disso, Pêrsio Rainho criou também uma nona categoria, porém extra-oficial.

E do fruto desse trabalho bem elaborado por ele e sua equipe, o Departamento de Futebol de Salão do São Paulo, conta hoje com a participação nos torneios internos e oficiais, com cerca de 800 associados. Muitos deles, hoje pertencentes a seleções paulistas e também ganhadores de troféus como artilheiros ou revelações nos campeonatos.

Entretanto, Pêrsio Rainho não realizou esse trabalho sozinho, mas contando com a colaboração de amigos que, na base do “peito”, o auxiliaram nesse desafio. São eles: Afonso Covello Neto, Roberto Nassau, Galdino José Bicudo Pereira, Domingos Antonio D’Angelo, Paulo Rainho, Ovíduo Pereira da Silva, Emilio



O presidente da FPFS, *Ciro Fantão de Sousa*, entrega o troféu “Futsal” a *Rainho*, o diretor do ano.

Bueno, Dercio Miguel Alcazar, Djalma Espírito Santo Tanajura, Walter José de Andrade, Jorge Alberto Silva Novoa, Nivércio Fernandes e Dorlan Antonio Sancinetti.

A todos esses colegas e principalmente ao Diretor de Esportes Amadores do São Paulo, dr. Lucio Astolfo Novaes de Araujo, Pêrsio Rainho agradece, afirmando que “sem a ajuda desses homens, eu não teria chegado onde cheguei.”

O começo

De jeito simples, Pêrsio Rainho começou no São Paulo, fazendo parte da TUSP — Torcida Uniformizada do São Paulo — onde chegou a ser vice-presidente. Nesse mesmo ano, ele promoveu a primeira festa da cerveja, com a parti-

cipação de todas as torcidas uniformizadas do país. E no ano seguinte, em 77, preocupado em popularizar o nosso clube, Pêrsio Rainho organizou o primeiro carnaval da TUSP:

— Essa sempre foi a minha maior preocupação — explica o Diretor de Futebol de Salão do São Paulo —, apagar a imagem que o nosso clube tem de ser considerado um clube de elite. Isso porque eu entendo que futebol é feito para o povo e a promoção do carnaval visava exclusivamente popularizar o São Paulo.

Portanto, aí está um verdadeiro são-paulino. Pelo seu currículo, pode-se verificar o quanto Pêrsio Rainho vem realizando pelo nosso clube. Tanto que o empenho culminou com dois prêmios de melhor “Diretor do Ano”.

PAULISTA

O Maior Carnê do Mundo

SÃO-PAULINO, AMÉM

MONSENHOR BASTOS LEMBRA O QUE ERA NO PRINCÍPIO

Cidade como só se vê agora em filmes antigos. Era mais ou menos assim: carruagens com cocheiros e belos animais, enormes praças, palácios e igrejas enegrecidos pelos séculos, o manso rio Flavius Tiber correndo sob uma ponte. Roma do começo do século, 1911, era assim mesmo. Três anos antes de irromper a Primeira Guerra — a cidade que cultuava as artes, a ciência. Os concertos e óperas zumbido para todo lado. Foi nessa Roma, acreditem, que o respeitável Monsenhor Bastos assustou ingleses cabotinos: num jogo de futebol, ele marcou um gol de joelho contra uma equipe inglesa que então excursionava pela Itália.

Monsenhor Bastos, na época um estudante de filosofia na famosa Universidade Gregoriana, era então um homem muito perigoso. Mas só dentro de campo, como meia-direita de um time de estudantes religiosos. Agora, aos quase 85 anos, recolhido no seu apartamento da rua Albuquerque Lins, em São Paulo, e cercado de imagens de santos e gaiolas de pássaros, ele recorda o episódio.

— Nosso time era muito bom. Uma espécie de seleção sul-americana. Tinha brasileiro, argentino, uruguaio. E o nosso toque de bola era perfeito. Tanto que, naquele dia, os ingleses ficaram surpresos. Queriam apenas treinar com nosso time e acabaram levando tudo a sério. Senão, iam sair com uma derrota.

Mas o interesse de Monsenhor Bastos pelo futebol não surgiu na Itália. Foi bem antes: nascido em Pirapora, ele já gostava muito do Paulistano quando deixou o país. E, na volta sete anos depois, uma das suas primeiras perguntas ao desembarcar do navio no porto de Santos foi sobre Paulistano.

Quase ninguém admitia um padre de batina e tudo enfiado num esporte fútil como esse de chutar uma bola de couro. Mesmo assim, ele manteve sua posição, teve problemas com superiores e passou a frequentar os estádios quando se tor-



Monsenhor Bastos: uma vida inteira na nossa história.

nou sócio do São Paulo da Floresta, equipe que surgiu da extinção do Departamento de Futebol do Paulistano. Ele tinha a proteção de amigos, como o narrador esportivo Nicolau Tuma, e ficava escondido nas cabines de imprensa. De qualquer forma, localizado pela torcida adversária, acabava invariavelmente ouvindo xingamentos e vaias.

— Cai fora, urubu! Você só dá azar.

— Padre tem que ficar na igreja rezando missa.

Mas o São Paulo da Floresta acabou. Foi absorvido pelos milionários do Tietê. E, aí, um grupo de pessoas (Carmo Meca, Porfírio da Paz, Pereira Carneiro, Éolo Campos, Paulo Lima, Arruda do Nascimento, Isidoro Narvais, Frederico Menzen e o próprio Monsenhor Francisco Bastos) promoveu uma reunião decisiva no dia 16 de dezembro de 1935, no prédio n.º 9-A da rua 11 de

Agosto, no centro de São Paulo. E, no fim de tudo, nasceu mais um time de futebol, o atual São Paulo Futebol Clube, que, a 26 de janeiro de 1936, fez sua estréia derrotando a Portuguesa Santista, embora ainda não tivesse sequer lugar para sede — o local, de fato, era um porão da rua Carlos Gomes, com mesa e três cadeiras.

Os treinos eram feitos nas várzeas de Perdizes e da Moóca e algumas vezes até na quadra de basquete da igreja da Consolação, cedida pelo Monsenhor. Lá também era local das concentrações. Em seguida, o clube adquiriu o Canindé, vendido por alemães que ficaram aflitos durante a guerra. E, mais tarde, o terreno do Morumbi.

Monsenhor Bastos, que foi o primeiro presidente do Conselho Deliberativo do clube, até hoje lembra a escalação de

um dos melhores times que já viu: Gijo, Saverio, Renga, Rui, Bauer e Noronha; Luizinho, Sastre, Leônidas, Remo e Teixeira — o São Paulo entre as décadas de 40 e 50. “Era melhor que o Santos de Pelé” — fala, com orgulho.

E Leônidas, então, foi bem melhor que Pelé, na opinião dele. Era o homem de borracha, o diamante negro: levava pontapés, caía e levantava, driblava todo mundo e fazia gols. Jogador de coragem: num jogo com o Palestra Itália (Palmeiras), ele foi atingido no joelho. O local ficou inchado, mas acabou na pontadireita e marcou ainda dois gols. Monsenhor sabe muitas histórias de Leônidas.

— Numa decisão com o Santos, ele apareceu nos vestiários apoiado numa bengala. Feola não quis escalá-lo e o médico disse que se levasse uma pancada ali ficaria aleijado. Leônidas insistiu: tomou 15 injeções e protegeu a perna direita o jogo inteiro, sempre colocando a esquerda para o adversário chutar. No fim do jogo, saiu com dois gols marcados com a perna machucada.

Lúcido, o Monsenhor é capaz de lembrar casos e escalações de times do início do século. Fala com naturalidade, por exemplo, sobre o título de 56 obtido contra o Corinthians, gol de Canhoteiro, assim como se recorda de jogadas de Forlan, Gerson e Pedro Rocha, e retorna outra vez ao passado para contar que viu o então presidente Getúlio Vargas admirado com a vibração da torcida são-paulina durante a inauguração do Pacaembu. Aliás, Getúlio pediu para o governador Ademar de Barros explicar a empolgação e escapou uma frase que virou slogan: “É o clube mais querido da cidade, presidente”. Ou o “clube da fé”, como disse certa vez o jornalista Olympicus, pseudônimo de Thomaz Mazzoni. Um clube, enfim, personificado por Monsenhor Bastos, uma vida inteira dentro da sua história. Ágil, viva, nua e crua. É o livro ambulante que ainda não foi escrito sobre o São Paulo Futebol Clube.

O DRIBLE MÁGICO

CANHOTEIRO NÃO DEIXAVA NENHUM ADVERSÁRIO EM PÉ

O Idário, lateral-direito do Corinthians, pode contar. Ele e muitos outros laterais que jogaram principalmente em São Paulo, nas décadas de 50 e 60. Canhoteiro era um inferno de dribles, tombos e risos. Seu drible fez época, desmoralizou adversários. Uma figura inesquecível: calções pelos joelhos, andar displicente e fama de desleixado. Um ex-jogador do São Paulo, Benê, definiu bem Canhoteiro, certa vez: "Jogava como vivia". Isto é, ele vivia rindo. E, com ele, todo mundo.

Menino de São Luis do Maranhão, das peladas pelas ruas compridas junto com um grupo de amigos — entre ele o poeta Ferreira Gullar, Canhoteiro foi de família humilde. Morava na roça e aprendeu a dirigir caminhão para sobreviver em São Luis.

— Nunca estive em reformatórios, mas merecia. Fui rebelde, brabo, revoltado. Não admitia ser pobre. Não queria trabalhar na roça o dia inteiro, ajudar meu pai. Cresci e fui sonhando: construí casas grandes e floridas nas nuvens. Vivia no mato, distante dos arranha-céus, palacetes, mulheres bonitas e bem vestidas.

— Quando falava das coisas bonitas para meu pai, recebia puxões de orelhas e broncas. Ele dizia que era tudo bobagem, coisas da idade, contos de fadas. Aí, não aguentei e fui embora para São Luis: sofri decepções, os sonhos foram desfeitos. Juro, tinha até vontade de voltar para o barraco do meu velho. Vi que estava errado, mas insisti. Morei numa pensão barata, a pior da cidade, e escrevi muitas cartas contando vantagens. Mandava cartões com retratos de prédios altos e bonitos, jardins floridos das praças enormes.

Canhoteiro, nessa época, ainda era adolescente e chamava José Ribamar de Oliveira. Mas por pouco tempo. Após encostar o caminhão, à tardinha, ele se reunia com um grupo de garotos e jogava bola na porta da pensão. Uma gritaria terrível e ele lá, dri-

blando a todos com a sua incrível perna esquerda. E, então, alguém falou: "Passa a bola, Canhoteiro". A partir daquele dia, José Ribamar de Oliveira ficou ainda mais desconhecido. Nome só para os documentos. E Canhoteiro começou a driblar as dificuldades rumo ao êxito.

Alguns anos depois, ele foi convidado para jogar no América, um timinho que disputava a liga local. Teve sorte: no primeiro jogo, driblou o zagueiro três vezes, chutou alto e muito forte, para o goleiro falhar. Um golaço. Nome feito e consagrado nas redondezas.

Mandou algumas fotografias para os pais e eles não entenderam porque o filho vestia camisas coloridas, meias, chuteiras e calção. "Zé, você tá trabalhando em circo, meu filho?" — perguntou o pai, aflito numa carta. Só mais tarde é que tudo foi esclarecido. Os pais de Canhoteiro não sabiam que existia um esporte chamado futebol.

Nos anos 50, após resistir à venda de seu passe — "como é que podem me vender, assim sem mais nem menos" — disse, ele foi convencido de que ficaria rico e poderia comprar enormes fazendas para os pais, no Maranhão, se viesse jogar pelo São Paulo. Se era assim, nada demais.

Veio e levou um susto com os prédios, as ruas e os carros. No primeiro jogo, o São Paulo enfrentou o Corinthians, Pacaembu lotado. Quando ele entrou em campo, as pernas começaram a tremer. A torcida gritou, ele viu a cabeça girar. Medo e emoção.

— Recebi a primeira bola e vi um cara alto e forte vir para cima de mim que nem um touro. Arrancando grama. Dei-lhe um drible, fiz o cruzamento e o nosso gol aconteceu. Era o Idário. E, a partir daquele momento, tive uma certeza: estava consagrado.

Canhoteiro chegou para substituir Teixeira e transformou a ponta-esquerda do São Paulo numa fonte de his-

tórias e lendas. Um caso sempre lembrado é o do lateral Antoninho, do Palmeiras. Pena que na época não existia vídeo-teipe. Mas quem viu, conta com sinceridade: num lance, Canhoteiro deu uma ginga de corpo e saiu com a bola para o gol, enquanto Antoninho foi se esborrachar contra o alambrado do Pacaembu. Ninguém tinha vez com ele: nem os maus, como Idário, nem os craques, como Djalma Santos. "Ele era um chato e se a gente dava pancada ficava pior" — recorda Idário.

O auge de Canhoteiro no futebol foi em 57, quando conquistou o campeonato paulista ao lado de Poy, De Sordi, Mauro, Dino, Vitor, Ribeiro, Maurinho, Amauri, Gino e Zizinho, ao derrotar o Corinthians, por 3 a 1, o segundo gol marcado por ele. Em 56, foi convocado pela primeira vez para a seleção brasileira, mas nunca teve muita sorte. Não participou de nenhuma Copa. Foi cortado injustamente da lista dos jogadores que

foram ao Mundial de 58, na Suécia. Em 63, acabou vendido para o Nacional, de Guadalajara, México. Na volta, teve rápidas passagens pelo Nacional e Saad. Morreu, aos 42 anos, a 16 de agosto de 1974, vítima de um mal congênito vascular cerebral, após uma operação. Foi casado com Zelinda e deixou uma filha chamada Vera. Jogou até poucos dias antes de ser internado. Não era o mesmo, mas ainda corria pelos campos do interior vestindo a camisa do Milionários, um time de craques veteranos. Ainda em 74, pouco antes de sua morte, teve uma de suas últimas satisfações num encontro com Pelé, nos corredores do Morumbi. Pelé escapou de todo mundo — dirigentes, amigos e até uma delegação japonesa que tinha ido lá para vê-lo — e foi abraçar Canhoteiro. "Sabe o que me falaram outro dia? Que a ala esquerda que formamos foi a melhor do Brasil" — disse Pelé. Canhoteiro não disse nada. E, como sempre, apenas abriu um largo sorriso.



Canhoteiro: o drible mágico que não chegou à seleção.

PEGA ELE, ZAGUEIRO!

NINGUÉM SEGURA O BOM ZÉ SERGIO

Foi num domingo à noite, julho de 1976, que Zé Sérgio estreou na ponta-esquerda do São Paulo. No Morumbi, contra o sempre temível América de São José do Rio Preto. No vestiário, o técnico, José Poy, quis acalmar aquele garoto de 19 anos. Mas ele tremia de medo.

Com a experiência de ex-goleiro do São Paulo, uma carreira de mais de 10 anos e marcadas por glórias e títulos, Poy sabia muito bem o que aquele menino estava sentindo.

Com a calma dos craques consagrados, o técnico então tocou a cabeça de Zé Sérgio e disse com voz pausada:

— Preocupe-se apenas em jogar o que você sabe e esqueça o resto.

Zé Sérgio ouviu. Entrou em campo e fez tudo aquilo que "o seu Poy" havia pedido. Porém, o São Paulo não venceu: 1 a 0 para o América, resultado final.

Esse incidente entretanto não abateu o jovem ponta-esquerda:

— Acontece que naquela partida, apesar da derrota, eu me saí muito bem. Mas, tenho certeza, se não tivesse agradado a minha carreira estaria enterrada naquela noite mesmo.

Desse dia em diante, Zé Sérgio só foi subindo. Uma subida muito rápida, como ele mesmo define. Começava o ano de 77 e com ele chegava

ao Morumbi o técnico Rubens Minelli. Títulos e seleção brasileira marcariam de maneira fulminante a ainda prematura carreira do jogador:

— É verdade. O seu Minelli me deu muito apoio. Mas eu contei também com o fator sorte. Poucos jogadores conseguiram em tão pouco tempo o que eu consegui. Fui campeão nacional pelo São Paulo em 77, em seguida fui convocado para a seleção brasileira, que disputou a Copa da Argentina, e logo após, o São Paulo conquistou o vice-campeonato paulista do ano passado, disputando a final com o Santos.

Reavivando a sua memória, Zé Sérgio recorda também que aos 13 anos de idade, jogando pelo dente de leite do Nacional E.C., sagrou-se campeão paulista.

O São Paulo F.C. só surgiria à sua frente em 1974, quando passou a atuar no juvenil. Dois anos depois, em 76, ele já seria escalado como titular da equipe profissional, para nunca mais sair.

Hoje, aos 22 anos, José Sérgio Presti agradece aos pais, Sergio Presti e Guaraciaba Presti, pelo incentivo que sempre deram à sua carreira:

— Até 1977, quando comecei a jogar na equipe principal do São Paulo, eu era uma pessoa indecisa quanto a continuar com o futebol. É que eu já havia visto vários cole-



Zé Sérgio: talento, dedicação e consciência profissional.

gas tentarem a sorte numa equipe grande, e depois serem emprestados para clubes menores, sem terem tido oportunidade de mostrar as suas qualidades.

Agora, o ponteiro do São Paulo só quer uma coisa: realização financeira. Sim, porque apesar de ainda muito jovem, Zé Sérgio já adquiriu maturidade suficiente para não se iludir com a fama:

— Nunca me preocupei com isso. Sei que quando encerrar minha carreira, serei um a mais na multidão. Por isso mesmo é que quero ganhar o

máximo de dinheiro com o futebol, para depois ter um futuro tranquilo.

E não só de futebol vive um craque. Para garantir ainda mais o futuro, Zé Sérgio estuda direito em Guarulhos.

Primo de Rivelino, ele diz que não recebeu nenhuma influência do ex-craque da seleção brasileira, e sim de seu pai, Sergio, que já foi lateral-esquerdo do São Bento de Sorocaba.

Muitas equipes sonham com o nosso ponteiro. Mas ele continua no Morumbi. Não tem preço.

SÓ TEM 22 ANOS, GOSTA DE MÚSICA AMERICANA E TAMBÉM JOGA TENIS

Qual é o seu nome?

R — José Sérgio Presti.

Onde nasceu?

— São Paulo.

Qual a sua idade?

R — 22 anos.

Estado Civil?

R — Solteiro.

Qual foi o seu primeiro clube?

R — Nacional EC — São Paulo, dente de leite.

E o primeiro contrato profissional?

R — São Paulo FC, 1976.

Quais os clubes que já defendeu?

R — Nacional EC., CA Indiano e São Paulo FC.

Quantas vezes jogou pela seleção?

R — 11 vezes.

O que faz nas horas de folga?

R — Descanso, jogo tênis e passeio.

Gosta de Leitura?

R — Sim. J. M. Simmell — "Ainda resta uma esperança".

Gosta de cinema?

R — Sim. E o filme que mais gostei foi "Horizonte Perdido".

Vai ao teatro?

R — Não.

Vê os jogos de que não participa?

R — Não.

Qual a sua música predileta?

R — A norte-americana.

Qual o prato que mais gosta?

R — Laranja.

As cores prediletas?

R — Verde e azul.

Há quanto tempo está no São Paulo?

R — 5 anos.

O que falta para se sentir realizado?

R — Tudo o que queria no futebol, eu já consegui. Agora tenho que manter a minha condição como jogador e me realizar financeiramente, para quando encerrar minha carreira não precisar trabalhar.

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO DO
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ